

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor,

Director,

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Aleindo Dias Pereira

Vitorino Simões Lopes Sampaio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do "Noticias de Fafe": Rua Mousenhor — FAFE

Cartas aos republicanos vimaranenses

SER REPUBLICANO

Os factos rigorosamente históricos ensinam-nos muitas coisas.

Provam que as reivindicações do Direito só se conquistam por movimentos colectivos e que para avançar triunfalmente até onde o reclame a ideia, o movimento terá de operar-se com reforço e espontaneidade, integrando-se num somatório de energias que se excitam num desejo.

Na verdade, os factos rigorosamente históricos o justificam.

Para a grande massa, para o povo, a execução duma soberania é o conjunto de iniciativas que se prendam á sua vida espiritual, é a consciência que se sobreponha ás cubiças e ás vaidades, e é o amor que se deva ao nosso semelhante.

Defrontarmo-nos com a corrupção e permitir-se que a peçonha que dela advém, salpique ou babe simplesmente um número reduzido, que, apesar de tudo, tivera a coragem de a desinfecar num acto de flagrante soberania, não representa senão uma passividade e inconsciência que merece o epíteto de desqualificada ou de farçante — uma passividade e inconsciência verdadeiramente hipócritas.

E' uma recusa egoísta que deprime e vexa.

Para que acreditemos na sinceridade de certas convicções, há que praticá-las como um crente, há que pô-las á claridade como um agente motôr ou sensitivo.

A critica é fácil, mas o ter coragem é difficil.

Conheço muito republicano que me censura porque ousou apregoar alto e bom som a minha fé inabalável nos destinos que a República trará á Pátria, porque me concentrei no campo da Verdade e porque renego pactuar com as clientelas mórbidas — não confundir com partidos — dos que vivem numa quietude comatosa, como diria o mestre Bazílio Teles.

Eu bem sei, que pelas minhas costas, esses heroicos correligionários contraem a boca num sorriso de escárneo e que cochicham palavras de desabono para o pobre tólo que anda a prégear no deserto,

que gasta todas as energias em pról duma causa que de qualquer maneira está bem, e que dispende uma acção que nenhum proveito lhe traz.

Eu ouço-os nas suas gargalhadinhas coscuvilheiras e presinto-os na sua mordacidade exorcista, refestelando-se num comodismo simplista que, se não é tímido, é insensato.

Mas as "partasanas" das suas linguas, por mais aguçadas que sejam, não me amedrontam nem me fazem desviar um milimetro sequer do caminho que a mim próprio tracei.

Nada sopeia os meus intentos.

Mal do piloto que sôb a ameaça de qualquer tormenta se deixa succumbir ou perde a noção da sua responsabilidade...

Quando as resistências principiam, quanto maiores são os escolhos que me antepõem, mais redobro de vigor e de coragem, mais tenho de caminhar, de ir para diante — salvo se me antepõem escolhos com olhos e a quem não dou a honra duma satisfação.

A minha intelligência diz-me que esta ousadia — se assim lh'o quizerem chamar — é proveitosa para a causa que propago e defendo.

Tanto me basta.

Tanto me satisfaz.

A' critica que me apedreja, ao marásmo das autênticas máquinas de ideais e ao egoísmo que, por vèzes, não ultrapassa duma "cavalgada" que nos baixa á condição de escravos, nunca por nunca serão consentidos o ignomniar e a vileza.

No espirito scintilou a ideia que comanda: *és susceptível de direitos, e obrigações*. (!) — trabalha, pugna por essa ideia, defende-a com toda a tua fôrça, que trabalhas, pugna e defendes a dos teus semelhantes!

¿E's homem?

Pois bem: há milhares de homens como tu, que se sentem vencidos ao peso dessa ideia, que aneiam as regalias que ela lhes concede, que desejam os mesmos direitos que dela lhes advém, que reclamam as mesmíssimas obrigações; há-os que andam em constante luta, saltitando a lama viscosa que os detem, ciosos

dumas passadas largas no horizonre que visionam e num desejo de trilhar estrada onde possam caminhar lado a lado; e conheço-os também que gritam por socôrro por se verem inferiorizados, atassalhados pela calúnia e pela intriga — o coração em sobressalto e os nervos a debrear-lhes o corpo...

Todos eles se irmanam, ambiciosos como quaisquer de nós...

¿E não devemos satisfazê-los em seus impetos, partir em seu socôrro, contribuir para que saiam do atoleiro em que estão atascados?

Oh, sim! A nossa ideia é a dèsses grilhetas; o nosso pensamento comunga com o dos que morrem á mingua de ideal; a nossa vontade é a sua própria vontade!

¿Acaso se consegue uma unificação doutrinária arrastando-a para o abandono?

Não e não.

Somos republicanos, e como tais, devemos entender-nos, trabalhando unidos, sem que nada nos separe ou desvie.

¿A República é um simbolo? Também é uma ideia que está bem arraigada ao nosso espirito.

E se Ela é uma ideia como o foi sempre a palavra Pátria, parafraseando Leon Brunschvicg, brademos a uma voz:

A República é uma ideia e cumpre que a cada hora seja criada de novo pela vontade colectiva dos cidadãos.

1930 L. COELHO

Tenente Albano Cruz

Atacado pela gripe, guardou o leito por alguns dias o nosso querido amigo e correligionário, sr. Tenente Albano José da Cruz.

Felizmente que já se encontra em franca convalescença. Os nossos cumprimentos.

"Noticias de Fafe"

Este interessante semanário, órgão do Sindicato Agrícola de Fafe, acaba de publicar um número especial dedicado aquela ridente vila e a um tempo que faz a propaganda das tradicionais festas da Senhora de Antime, que, pelo programa, prometem revestir de grande brilhantismo.

Traz colaboração variada e toda ela focando os problemas mais palpitantes daquela encantadora «sala de visitas do Minho».

Aos nossos presados amigos srns. Dr. Campos Soares e Euclides Sotto-Maior, pela gentileza do número que nos remeteram, os nossos agradecimentos.

VELHARIAS FORENSES

Por Eduardo d'Almeida

Do auto de exame e corpo de delito consta o seguinte: no dia 14 de Agosto de 1855, dia da Festa do Pelote e véspera de Santa Maria, a grande romagem devota dos vimaranenses, na mesma freguesia da Senhora da Oliveira, e Rua de Donaes, na morada de Francisco Maria compareceu o Cidadão José da Silva de Araujo Guimarães, Juiz Eleito da dita freguesia, com o Escrivão Antonio José da Silva Guimarães, a requisição do Administrador do Concelho Manuel Bernardino de Araujo Abreu, porque, estando ele Administrador na Secretaria, depois das três horas da tarde, lhe fôra denunciado que dentro daquela casa e pessoas de familia se chamava á voz de socôrro e aqui del Rei, «e, acudindo a visinbança e policia, entraram pela escada acima ao acudimento de quem apelava, mas Francisco Maria não só não quisera acomodar-se, como até resistira á policia; e, chegando outro cabo de policia a informá-lo do que se passava e de que a desordem prosseguia, voltou com suas ordens, que não pôde cumprir, certo é que, dando voz de prisão, Francisco Maria tornara a resistir, defendendo-se com arma de fogo, pelo que a policia fugiu pelos degraus abaixo. A casa ficara em custódia, uma irmã do desalmado pedia lhe deitasse uma escada á janela e por ela se escapára á sanha do irmão, sempre em desesperados rompantes. E como os da policia diziam que podiam sér feridos ou mortos «e não tinham ordem de fazer outro tanto», viera ele Administrador em pessoa, com dois soldados da Guarda da Cadeia, e—«dera voz de prisão ao preso Francisco Maria», que lhe retorquiu «com argumentos de poder de Autoridade e direitos dèle Cidadão em sua casa», sendo-lhe repetida a voz de prisão portou-se com falta de respeito e como quem não obedecia. Então o Administrador deitou-lhe a mão dizendo que ia preso nem que fôsse na ponta das baionetas—«em consequência do que requisitara ele Administrador a assistência do Juiz Eleito e procedencia ao presente auto, indicando para testemunhas um negociante de cal e telha da mesma rua (onde, pelo visto, havia fartura), um padeiro da rua Nova do Muro, e um surrador da «Rua do Ourado do forno», mais promovendo o Administrador que, visto ter havido resistencia com armas de fogo, se passasse busca para serem apreendidas e entregues á Justiça.

Ora aqui têm uma zaragata estrondosa, no lampear dos primeiros foguetes da festa primáz, a poucos passos da arcaria do Largo, enfeitadas já de bandeirolas e virtualhas para o arraial, nos seus pormenores e no auto levantado capaz de desinfiar uma hepatite de outro figado que não seja o meu, que nunca fui de máus figados, mas tenho o figado máu.

Disse o caleiro e telheiro que fora chamado por José, irmão do Francisco Maria, e por uma visinhança chamada Benta, para acudir

que este matava uma irmã e tia, e subindo o viu com uma arma raiuna na mão, deitou-lhe a mão e tirou-lha. Agora entra a policia — e chegando a policia viu que a mesma policia fugira pelas escadas abaixo, dizendo que o arguido puxara para eles com duas pistolas, uma em cada mão. Veio depois o Administrador, na companhia de dois soldados, não presenciando o que se passara pois se retirara para casa nesta ocasião. Quando o padeiro chegou, o Francisco Maria estava já desarmado pela testemunha anterior.

—Senhor Francisco, disse ao arguido, aqui não haja nada, acome-se!

—Ponha-se lá fora— respondeu o outro.

E chegando-se uma filha do depoente á beira, disse-lhe também:

—Senhor Francisquinho, deite a mana.

«Ele ficou-se, não lhe dando resposta alguma. E chegando neste acto Raimundo Alves Torres, entrou a pôr toda a gente fóra. Depois viu chegar os cabos de policia, e também os viu ir embora. E depois que a policia se foi embora, viu chegar o Administrador do Concelho com dois soldados armados e nada mais disse. «O surrador estava numa casa próxima, viu para ali entrar muita gente e subir as escadas, o que fez também, afinando no resto com o que dissera o padeiro».

Procedeu-se então á busca. Debaixo da cama, foi encontrada uma arma raiuna... vazia; á beira da cama, uma pistola... também vazia, e um espadão de cavalaria, com bainha de ferro, «cujas armas mandou ele Juiz pôr em depósito, do qual constituiu depositário a João Leonardo de Gouveia, empregado da Administração do Concelho, morador na Rua da Tullha, o qual tomou conta e se obrigou ás penas da Lei como fiel depositário, o qual intimei para destes objectos não dispôr sem que por ordem judicial lhe seja ordenado». Querem melhor?

Este auto foi levado ds mãos do Doutor Juiz de Direito da Comarca Francisco Rodrigues Ferreira Cazado (?), que, no dia 16 de Agosto, procedeu ao interrogatório do arguido, conduzido, para o efeito, da cadeia sob custódia, assistindo os Escrivões José de Freitas Costa Brandão, que lavrou o auto, e Serafim Carneiro Geraldes Junior, que no mesmo se designa como «companheiro» daquelle.

São muito curiosas as respostas. Como o arguido tinha 19 anos de idade, o Juiz nomeou-lhe Curador o Bacharel José Napomuceno da Silva Ribeiro.

O rapaz nascera em Braga, e sendo já falecida a mãe, vivia com sua familia dos meios adquiridos por seu pae; estando em sua casa «com a dita sua familia, que se compõe de sua tia e três irmãos, entre estes uma menina de 16 anos, se tomara com esta, parecendo assim affigir aquella sua tia, e fizera chorar um de seus ir-

